

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

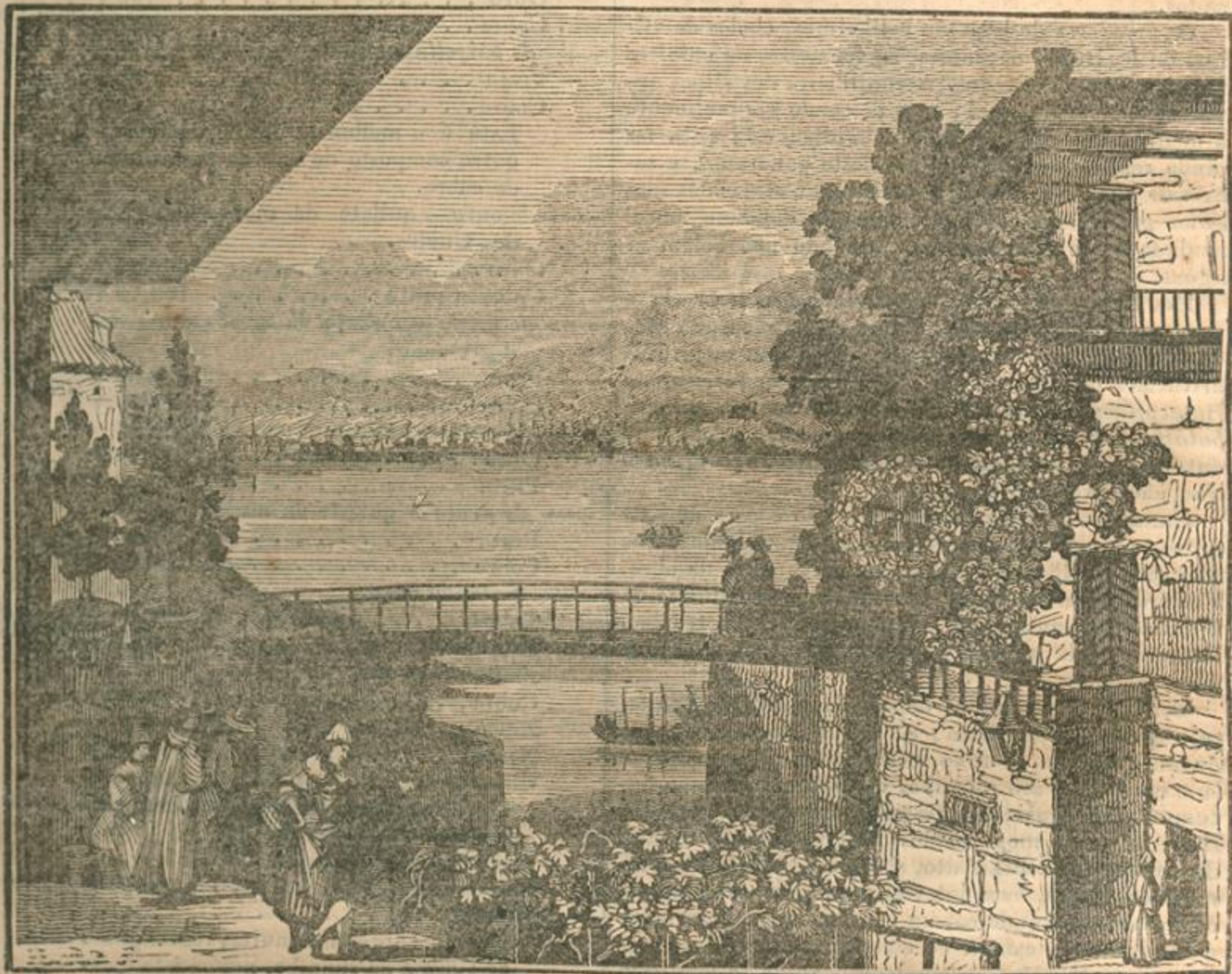
DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utels.

77)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS.

(OUTUBRO 20, 1833)



UMA VISTA DO LAGO MAIOR.

QUANDO ao sair da Suissa entrámos na Italia pelo passo do Simplon, seguem-se de chofre ao triste aspecto do paiz do Valais, e aos espantosos precipicios que guarnecem a Suissa, as fecundas e aprasiveis paisagens do Milanez. A comparação não é vantajosa para aquella; mas deve dizer-se em abono da verdade que a parte menos agradável da Suissa tem de contrastar aqui com a porção mais magnifica do Milanez. Um lago extenso, salpicado d'algumas ilhas, augmenta o effeito que produzem vastas campinas, eminencias selvosas que as corôam, e muitas casas de campo cobertas de terrados, onde vem os milanezes opulentos gosar as doçuras do ocio. Este lago, celebre nas canções de tantos poetas, é o Lago Maior, do meio do qual surgem, orgulhosas com seus edificios pictorescos, as famosas ilhas Borromeas.

Destas quatro ilhas, duas são habitadas por alguns pescadores, e pouco visitadas pelos estrangeiros; porém as outras duas são estações forçadas para todos os *toristas* [*]: comtudo á força de serem vistas e descriptas tem decaído da antiga celebridade as collos-

(*) *Toristas*, os que viajam por divertimento, da palavra *tour*, que significa giro.

saes construcções, e os jardins postos em andares, ou em amphitheatro, que as adornam.

Um conde borromeu, não o arcebispo de Milão, S. Carlos, a cujas virtudes deve a sua familia a principal reputação, mas um certo *Vitaliano Borromeu*, que viveu cem annos depois, lembrou-se de construir em dois rochedos estereis duas ilhas formosas no meio do Lago Maior. Mandou accumular em uma dellas [*L'Isola Bella*] dez andares de terrados ajardinados, levantados em forma pyramidal; e no vertice desta *Babel* foi collocada a estatua equestre do illustre creador de taes maravilhas. A *Isola Madre* foi construída quasi pelo mesmo genero, mas com menos extravagancia. Ainda hoje o commum dos viajantes admira a profusão de estatuas, obeliscos, vasos, e figuras esquipaticas meio arruinadas pela mão do tempo, e que singularmente casam com as laranjeiras, limoeiros, e outros arvoredos de que estão os terrados d'*Isola Bella* carregados. Nos quartos do palacio reina igual profusão de ornatos, tectos dourados e pintados, paredes estucadas e de marmore, grande copia de quadros não destituídos de merecimento que representam pela maior parte paizes e scenas pastoris,

tudo isto misturado com alguns trastes velhos e de mau gosto. Nas paredes ao rez do chão ha uma especie de mosaico ou, para melhor dizermos, de embrexado, formado de seixinhos de diversas cores pegados com cimento, e que faz um effeito original. Mas não são todas estas cousas que o artista vae ver a Isola Bella; porém sim os numerosos *pontos de vista*, todos magníficos, que se desfructam de cima dos terrados.

Os arredores do lago são bellissimos, cheios de villas, de logarejos, de habitações formosas, de outeiros ferteis e bem cultivados. A cordilheira dos Alpes apparece a leste e ao sul, mas descendo gradualmente á medida que se chega á Lombardia; esta vista faz ainda realçar mais as bellas deste panorama, e sobresaír melhor as ilhas Borromeas, revestidas das suas galas pictorescas em meio daquelle delicioso lençol azulado, por tempo sereno, quando não bolem as aguas.

Em Isola Bella ainda ha outra cousa notavel; e vem a ser dois loureiros, talvez os mais corpulentos da Europa, e por certo mais velhos que os jardins artificiaes da ilha. N'um vos mostrarão os *cicerone* [interpretes e guias dos monumentos &c.] a palavra *batalha* gravada por Napoleão, e cortada com uma cutilada por um austriaco. Não inventa o diabo o que não inventam os *cicerone*!

Em materia de singularidades, não é para omittir outro monumento, nas margens do Lago Maior, que não cede ás ilhas Borromeas no agigantado da obra. Foi erecto em memoria do membro mais illustre da familia Borromea: mas este ao menos é um tropheu levantado pela piedade e o reconhecimento á virtude e ao prestimo.

Cento e trinta annos depois da morte do bemfazejo arcebispo de Milão, S. Carlos Borromeu, que durante a peste de 1580 soccorreu com fervoroso zelo e caridade o seu rebanho, o povo, em solemne testemunho de gratidão e respeito ao caridoso prelado, lhe erigiu este monumento. E' uma estatua colossal de bronze, de 72 pés d'alto, sobre um pedestal de marmore de 38 pés, ouca interiormente, com uma entrada na base por onde sobem os curiosos por um lanço d'escadas até a cabeça do colosso, cujos olhos, orelhas, e ventas dão communicação ao ar, e facilitam a vista aos que visitam aquella sala de especie singular. Está collocada sobre um cabeço imminente ao lago, e fronteira d'Arona, terra natal do sancto arcebispo.

COMPOSIÇÃO DE DIFFERENTES LIGAS, SOLDAS, E AMALGAMAS, EMPREGADAS NAS ARTES.

CHAUDET, distincto ensaiador da casa da moeda de París, tendo analysado pedagos de diferentes ligas e amalgamas usadas nas artes, que com todo o esmero havia escolhido, achou as seguintes proporções, que aqui reproduzimos, como interessantes para aquelles que trabalham em diferentes especies de fundição e labores de metaes.

Liga d'ouro — quilate da moeda franceza.

Ouro	900	} 1000
Cobre	100	

— *de prata* — quilate da moeda franceza.

Prata	900	} 1000
Cobre	100	

— *de bilhão* — quilate da moeda franceza.

Cobre	800	} 1000
Prata	200	

— *de medalhas d'ouro* — quilate da moeda franceza.

Ouro	916	} 1000
Cobre	84	

Liga de medalhas de bronze.

Cobre	92	} 100
Estanho	8	

Esta liga é a que mais geralmente se emprega para as medalhas, por terem a vantagem de serem bem cunhadas, e durarem muito.

— *de joias* — quilate de moeda franceza.

Ouro	750	} 1000
Cobre	250	

— *de baixella* — quilate da moeda franceza.

Prata	950	} 1000
Cobre	50	

Este é o melhor quilate, todavia ha outro composto de 800 de prata e 200 de cobre.

— *de ouro* — quilate da moeda dos Estados-Unidos.

Ouro	899,22	} 1000
Cobre e prata	100,78	

— *de prata* — quilate da moeda dos Estados-Unidos.

Prata	892,43	} 1000
Cobre	107,57	

— *de ouro* — quilate da moeda ingleza.

Ouro	916,67	} 1000
Prata e cobre	83,33	

— *de prata* — quilate da moeda ingleza.

Prata	925	} 1000
Cobre	75	

— *imitando ouro.*

Cobre	91,00	} 100,50
Estanho	9,50	

— *imitando prata.*

Cobre	61,27	} 106
Zinco	28,78	
Nickel	15,13	
Chumbo	00,82	

Os chinezes se comprazem em fazer passar esta liga como prata.

— *das peças d'artilharia.*

Cobre	100	} 113
Estanho	11	

Esta liga apresenta muitas vezes signaes de zinco e de chumbo, porém isto é devido á impureza dos outros metaes.

— *para estatuas.*

Cobre	91,40	} 100
Zinco	5,53	
Estanho	1,70	
Chumbo	1,37	

Estas proporções são o resultado da analyse das famosas estatuas de bronze dos jardins de Versailles, fundidas por Kellers irmãos, celebres fundidores de Luiz 14.^o

— *para bronzes e candelabros.*

Cobre	82	} 104,50
Zinco	18	
Estanho	3	
Chumbo	1,50	

— *para guarnições de pistolas, espingardas, &c.*

Cobre	80	} 117
Zinco	17	
Estanho	20	

— *para os pratos de musica, cymbalos, ou instrumentos clânezes.*

Cobre	80	} 100
Estanho	20	

Esta liga é extremamente dura; recoze-se mergulhando-a em agua, e torna-

se malleavel logo que estiver candente. Se se deixar lentamente arrefecer, torna-se excessivamente dura. Este importante facto é devido a d'Arcet, que proporcionou os meios de fabricar-se em França os cymbalos que em outro tempo se traziam da China a grande custo.

Liga para os sinos.

Cobre	75	} 100
Estanho	25	

— para os oculos de ver ao longe.

Cobre	2	} 3
Estanho	1	

— para o torno.

Cobre	65,80	} 100
Zinco	31,80	
Chumbo	2,05	
Estanho	0,35	

A analyse deu estas proporções, porém é evidente que se encontra o estanho em virtude da impureza dos outros metaes.

— para martellos.

Cobre	70,10	} 100
Zinco	29,90	

Deve-se a Chaudet esta importante liga.

— dos typos d'imprimir.

Chumbo	80	} 100
Antimonio	20	

As vezes ajuncta-se pequena porção de cobre.

— para chumbar os dentes.

Bismutho	8	} 17,6
Chumbo	5	
Estanho	3	
Mercurio	1,6	

Póde-se preparar com menor porção de azougue; é fusivel a 65.º centigrados.

— para estanhar o ferro.

Estanho	8	} 9
Ferro	1	

— para fazer ouro ductil de 18 quilates.

Ouro	990	} 1000
Cobre	10	

A preliminar combinação desta liga produz ouro ductil; e a mistura directa destes metaes produz o effeito contrario.

— para as campainhas de relógio.

Cobre	75	} 100
Estanho	25	

— para a raiz dos dentes postiços.

Platina	40	} 100
Prata	60	

Outra.

Palladio	50	} 100
Prata	50	

Esta liga é muito importante; serve para a construcção dos instrumentos de physica nas circumstancias em que outr'ora se empregava a platina. É d'uma dureza e côr superiores á deste ultimo metal, e todavia não se oxyda nas circumstancias ordinarias.

Liga para as molas dos dentes postiços.

Palladio	50	} 160
Prata	50	
Cobre	50	
Ferro	10	

É uma liga muito util, a sua elasticidade quasi que eguala a do aço, e reúne as vantagens de dureza e leveza su-

periores á platina. Deve-se a Perceval [Johnson] de Londres, assim como a precedente.

Solda para o ouro de 18 quilates.

Ouro a 750	2,00	} 3
Cobre	0,50	
Prata	0,50	

— para a prata a 750.

Prata	2	} 3
Latão	1	

Deve-se empregar o cobre e o zinco, no estado de liga, para duas partes de prata.

— para o latão.

Cobre	50	} 100
Zinco	50	

— dos chumbeiros.

Chumbo	2	} 3
Estanho	1	

Amalgama d'ouro para dourar os metaes.

Azougue de	91 a	89	} 100
Ouro de	9 a	11	

Amalgama de prata.

Mercurio	85	} 100
Prata	15	

Amalgama para azougar os espelhos.

Estanho	70	} 100
Mercurio	30	

Amalgama para azougar os globos de vidro.

Mercurio	80	} 100
Bismutho	20	

Amalgama para os mancaes das maquinas electricas.

Mercurio	2	} 4
Estanho	1	
Zinco	1	

A PALAVRA MANDARIM.

É OPINIÃO muito seguida que a palavra *Mandarim*, com que na China se designam as auctoridades civis e militares e varias outras classes de sujeitos, fôra inventada pelos portuguezes, e derivada do verbo mandar. Já um dos nossos primeiros litteratos, e mestre de todos nós em materias philologicas, mostrou em uma obra impressa, que semelhante opinião era errada, dizendo:

“Mandarim é vocabulo, que nos veio da Asia, mui usado em diversas partes, e especialmente na China, aonde se chamam mandarins os letrados, magistrados, ministros do imperio, officiaes de guerra &c. pelo que é errado o conceito de alguns escriptores estrangeiros, que conjecturaram ser mandarim palavra inventada pelos portuguezes, e formada do seu verbo *mandar*.”

A este paragrapho do *Glossario* accrescentaremos algumas reflexões do mesmo auctor as quaes nos foram communicadas.

Para refutar os escriptores estrangeiros, que dizem que o nome de *mandarim* foi inventado pelos portuguezes, bastaria pedir-lhes que nos dessem alguma prova disso, o que elles ainda não fizeram, nem julgamos que possam fazer.

Nenhum escriptor portuguez disse jámais, nem deu a entender, que aquelle nome fosse inventado pelos nossos.

A terminação em “*im*” não é do genio do idioma portuguez, e é usada na China, como mostram os nomes *Pekin*, *Nanquim*, *Xuteafim*, *chilim*, *com-pim*, e outros, que se acham em Fr. Gaspar da Cruz, Castanheda &c.

Além disso *mandarim* não é precisamente nome expressivo de *mando*, como suppoem os que o julgam derivado do portuguez *mandar*. *Mandarim* exprime uma gradação social, uma especie de fidalguia, uma distincção civil &c. Castanheda no liv. 4 cap. 27 diz expressamente "ha antreles grãos de honrra, e segundo sam honrrados, assi se seruem: os *fidalgos*, que se chamam *mandarins*, andão acavalo, e quando vão polas ruas, despejanilhas os *homens baixos*, que estão nellas" &c.

Não é menos expresso *Andrade* na *Chronica de D. João 3.^o* Part. 1. cap. 55. aonde falando de huma expedição a Tidore, diz "a todos os mouros mortos cortarão os da terra as cabeças, e pelejavão huns e'os outros sobre quem levaria mais dellas; porque ao que appresentava sete cabeças de inimigos o fazião *cavalleiro*, e lhe chamavão *mandarim*, que entre elles he nome de *cavalleiro*."

O mesmo *Andr.* na Part. 2. cap. 20 torna a falar dos *mandarins de Ternate*; por onde parece que o nome de *mandarim* não era privativo da China; mas usado em outras terras d'aquelle vastissimo oriente.



O ANANAZ.

Das fructas do paiz a mais louvada
É o regio ananaz, fructa tão boa,
Que a mesma natureza namorada
Quiz como a rei cingi-la de coroa.
P. Durão. — Caramuru.

A FORMA elegante, o sabor exquisito e balsamico do ananaz, teem dado á planta que o produz celebridade, e um logar especial nas estufas de toda a Europa. Passa pela mais delicada fructa, sendo comida em seu paiz natal; e ainda assim das numerosas especies d'ananzas umas são muito preferiveis a outras. Uns dizem que tem o sabor do melão mais mimoso combinado com o gosto do mais perfeito damasco: outros o comparam differentemente, porque os paladares differem como as physionomias.

A planta do ananaz commum lança *folhas radicaes*, isto é, que partem da raiz, avincadas pelo meio, guardadas de bicos pelas bordas, e que semelham muito as da babosa vulgar, posto que menos grossas e

succosas. A hastea que é vertical, d'altura pouco mais ou menos de tres palmos, com algumas folhas curtas, dá flores azuladas junctas em espiga mui fechada. Os bagos amadurecendo soldam-se uns com os outros e afinal compoem um só fructo, da mesma fórma, porém maior, que uma pinha, do vertice da qual sae um palmito de folhas, que sendo disposto na terra produz nova planta.

Os cuidados que exige a cultura do ananaz nos climas europeus descreveu Mr. Dumont de Courset na seguinte passagem da sua obra *le Botaniste cultivateur*. — "A terra para os ananzas deve ser mui forte, consistente, e ao mesmo tempo dar evasão á humidade. Os vasos em que se devem pôr serão proporcionados á robustez da planta, os maiores devem ter palmo e meio de diametro, e no fundo bastantes buracos. Transplantam-se os ananzas todos os annos em Abril, ou com o mesmo torrão com que se arrancão ou tirando-lhe as raizes: este ultimo methodo é mais usado. Porém, se aos recentemente mudados se dá calor mais forte do que requer a sua idade, não deixarão de fructificar, e perder-se-hão por produzirem antes de terem força sufficiente para dar fructos de conveniente grandeza. Todos os cuidados desta cultura reduzem-se principalmente a um ponto só, que é impedir a apparição dos fructos até o tempo em que o vigor da planta os possa dar de sufficiente tamanho, o que se consegue por meio de muitas camadas d'estrume, sob o resguardo das vidraças da estufa, de temperatura differente. A planta nova não precisa mais de doze graus; á que já tem força bastante para fructificar deve dar-se-lhe de trinta a quarenta. O calor nunca a prejudica quando está para dar; quanto mais tiver, mais formoso será o fructo. Deve-se pois tractar desde pequena, até que as folhas passem de tres palmos de comprimento, de maneira que chegue a seu inteiro vigor sem ter produzido. Dará fructo quando queiram, augmentando-se-lhe o calor; o olho pela mesma maneira dará logo depois de plantado, se a temperatura for mui quente. Os ananzas requerem muitas regas no verão, não pelas folhas, mas sobre a terra; e d'inverno nenhuma."

DAS SEPULTURAS.

O HORROR que inspira a vista d'um corpo inanimado, e a necessidade de evitar os miasmas que provém da putrefacção, aconselharam ao homem que se apartasse dos cadaveres: não por causa dos mortos, mas dos vivos, se inventaram as sepulturas, como diz Seneca.

É verosimil que os meios que primeiramente empregassem para este fim, fossem o enterramento em covas, ou a consumpção dos corpos nas chammas de uma fogueira.

Com o andar dos tempos, e á medida que as distincções sociaes se foram estabelecendo, foram-se tambem introduzindo algumas differenças nas sepulturas, conforme a jerarchia do defuncto.

Sepultavam os thebanos os corpos de seus reis, em sarcophagos de pedra de toque, que encostavam, ao alto, ás paredes de espagosos subterraneos.

Os egypcios para removerem a idéa da destruição e evitar a putrefacção levaram ao maior gráu de perfeição a arte de embalsamar. Estes povos depositavam os corpos em subterraneos. Este uso, muito tempo o seguiram os povos das Atlanticas, onde ainda se encontram, em concavidades de rochedos, salas vastissimas, todas cheias de cadaveres preparados, e embalhados em pelles.

As pyramides do Egypto querem alguns auctores que fossem salas sepulchraes.

Transcrevemos aqui as palavras de Diodoro de Sicilia ácerca das maneiras de embalsamar: "Os egypcios, diz elle, teem tres modos de embalsamar: os pomposos, os mediocres, e os ordinarios. Os primeiros custam um talento de prata, os segundos vinte mesias, e os terceiros uma bagatella. Os que exercem a profissão de embalsamar os mortos a apprendem desde pequenos. O primeiro marca na ilharga esquerda do defuncto o pedaço de carne que se hade cortar; segue-se a este outro individuo, chamado o *cortador* ou *parachysto*, que, com uma pedra da Ethiopia, aguçada, practica esta operação. Vem apoz estes os que salgam; fazem roda ao cadaver, acabam de o abrir, e um delles introduz a mão no corpo pela incisão, e tira-lhe de dentro todas as visceras, excepto o coração e os rins: outro lava-as com vinho de palmeira, e liquidos odoriferos. Ungem depois o corpo, por espaço de mais de triuta dias, com gomma de cedro, myrrha, cinammomo, e outros perfumes, que, não sómente concorrem para conserva-lo por muitissimo tempo, mas que tambem fazem com que espalhe um cheiro suavissimo. Findo isto entregam o corpo aos parentes, tornado á sua antiga fórma, e tão perfeito que até os cabellos das sobrancelhas, e pestanas lhe ficam desempastados, e o defuncto parece conservar as feições do rosto, e o garbo que tinha quando vivo." Herodoto e Porphyrio exprimem-se quasi da mesma maneira a respeito do methodo d'embalsamar dos egypcios, e só accrescentam algumas particularidades mais circumstanciadas, no tocante ás operações manuaes, e além disso fazem menção d'uma forte solução de *natrum*, que injectavam em todas as cavidades do corpo, depois de as haverem despejado, e d'uma especie de maceração que practicavam, deixando o cadaver muitos dias mergulhado n'uma solução super-saturada do mesmo *natrum*. Depois disto, lavavam o corpo, e procediam ao resto da operação como diz Diodoro de Sicilia.

A passagem que acabamos de citar torna evidente que nem só os reis eram embalsamados, mas que havia maneiras simples e tão pouco dispendiosas de embalsamar, que todas as classes do povo se podiam aproveitar dellas. Todo o methodo de embalsamar dos antigos egypcios póde, portanto, reduzir-se ás operações seguintes: 1.^o despejar todas as cavidades do corpo, quer extrahindo as visceras, que lavavam n'um licôr aromatico, quer dissolvendo-as n'um liquido caustico; 2.^o tirar aos corpos a gordura e as partes mucosas, pela acção muito aturada do *natrum*; seccar o corpo, quer ao ar, quer n'uma estufa, ungi-lo com um verniz de côr, embrulha-lo em muitas tiras de panno, molhadas em liquidos aromaticos, enfeitá-lo com diversos ornatos, e, finalmente, encerra-lo em certos estojos de madeira de figura humana.

Os hebreus abriam communmente as suas sepulturas em rocha, e Abraham, segundo diz a Escriptura, tinha comprado uma caverna para jazigo dos seus.

Os gregos queimavam ou enterravam, indistinctamente, os mortos, e parece que a opção entre este ou aquelle methodo não era mais que o resultado dos principios philosophicos professados pelos particulares. Foi por isso que Democrito com a esperanza de resurgir mais facilmente preferia o ser sepultado, e Heraclito, que considerava o fogo como o elemento mais geral, fazia queimar os corpos, ao passo que Thales, que tudo attribuia á agua, queria que os enterrassem. Alguns preferiam o fogo, por causa das suas opiniões religiosas, e esperanças em que o fogo, que tudo purifica, lhes purificaria tambem as almas. A lei das doze taboas concedia aos cidadãos que escolhessem o ser queimados ou enterrados, com tanto que o fossem fóra da cidade. Quando queimavam algum corpo re-

colhiam com a maior diligencia as cinzas e restos dos ossos, e os encerravam em urnas que ao depois eram mettidas em nichos nos carneiros; quando, porém, os não queimavam, depositavam-nos inteiros em subterraneos mais ou menos profundos. Os romanos imitaram muito tempo aos gregos neste particular, e parece, pelo que diz Macrobio, que vivia no reinado de Theodosio o Moço, que no seu tempo começava a cair em desuso a practica de queimar os corpos, ainda que outros creem que o imperador Graciano foi quem a aboliu. As leis e a religião permittiam até aquella epocha que os corpos fossem queimados e sómente determinavam que os meninos fallecidos antes de completarem quarenta dias, e as pessoas mortas de raio, fossem enterrados.

Tinham os romanos estabelecido fóra das cidades recintos destinados para cemiterios dos pobres e dos escravos; estes logares eram chamados *putivuli* ou *putivulae*, quer por causa dos pocinhos em que depositavam os cadaveres, quer, como alguns querem, em razão de se derivar este termo de *putescere* ou *putrescere*; em Roma estavam estes recintos nas bordas da via Appiana, e fóra da porta Aquilina. As pessoas distinctas tiveram muito tempo jazigos subterraneos em suas casas, onde costumavam sepultar as pessoas de sua familia, e aquelles escravos a que mais bem queriam.

Este uso perigoso só cessou quando os imperadores tornaram a pôr em vigor a lei das doze taboas. O privilegio de serem enterrados na cidade ficou desde então pertencendo exclusivamente aos imperadores, ás vestaes, e aos varões notabilissimos. Os particulares mandaram construir os seus sepulchros nas suas terras, em suas casas de campo ou na borda das estradas; estes logares eram ao mesmo tempo sagrados e de máu agouro. As formulas gravadas nestes monumentos eram de ordinario simples e affectuosas: *Oratio ut prateriens dicas: Sit tibi terra levis, cineres quoque flores legantur.*

Peço-te digas quando por aqui passares: "a terra te seja leve, e de flores se cubram as tuas cinzas."

Os romanos construíam as suas sepulturas com um grande luxo. Os tumulos subterraneos eram quadrados ou redondos: na espessura das paredes havia uns nichosinhos, como acima se disse, onde se punham as urnas que continham as cinzas e as reliquias dos ossos: a estes taes nichos chamavam *loculi capuli*. O ataude que encerrava um corpo inteiro chamava-se *arca*.

As urnas não tinham figura nem grandeza determinadas, e davam-lhes diversas denominações conforme a sua configuração, e o uso em que as empregavam: *olla cineraria*, *assuaria*, *obsendaria vasa*. As ultimas eram as maiores. Ás vezes continha o mesmo nicho muitas urnas; aos carneiros chamavam *columbaria*, por causa da semelhança dos seus nichos com os d'um pombal, ou *ollaria*, em razão da figura redonda das urnas [*].

Algumas vezes chegava o luxo a edificarem para os mortos aposentos em nada differentes dos que cá em cima se fabricavam para vivos. As mais notaveis sepulturas que se teem descoberto são as da familia Cæsinnia, achadas em Porto em 1699; as d'outra familia romana encontradas na villa [quinta] Cavallieri, perto de Roma; os tumulos de Nola, no reino de Napoles, que estão vinte e dois pés debaixo do chão, e o hypogeu de Volterra na Toscana. Nesta ultima se encontrou um magnifico cofre sepulchral e cinerario ornado de ricos baixo-relevos.

Os primeiros christãos enterravam os seus marty-

(*) Veja-se o que dissemos sobre vasos etruscos e a estampa em o N.º 55.

res nas egrejas. Com o andar dos tempos veio a ser esta honra sómente concedida aos príncipes, bispos, cidadãos mais distinctos, homens ricos, e, finalmente, a todos aquelles que a queriam pagar. Theodosio o Grande, temeroso dos males que podiam resultar de apodrecerem os corpos nos edificios religiosos, renovou os edictos dos seus predecessores, vedou que enterrassem nas cidades, e até mandou levar para fóra de Roma as urnas e os sarcophagos que dentro della estavam.

Estes decretos estiveram muito tempo em vigor: os mortos eram levados para fóra das egrejas, e já a honra de ser enterrado juncto das suas paredes, a tinham por grande prerogativa; porém pouco a pouco se foi vulgarizando este privilegio, até que por fim tornaram a cair no abuso de que Theodosio havia triumphado.

Então Carlos Magno, a pedido do bispo de Orleans Randolpho, promulgou as suas capitulares, que prohibiam os enterramentos nas egrejas, sem excepção de pessoa, e sem distincção de estado ou classe; mas nos seculos seguintes fizeram os concilios e os synodos baldados esforços para reprimir tão prejudicial abuso.

Entre nós começou a introduzir-se o uso de sepultar os cadaveres em campos sagrados no tempo em que a colera-morbus dizimava cruelmente os habitantes de Lisboa. Não bastando as sepulturas dos templos para tamanha mortandade, foi forçoso adoptar, naquella calamitosissima epocha, esta medida, aconselhada por philosophos e medicos abalisados, e cuja utilidade, já muitos annos antes tinha sido demonstrada, porém sem fructo, em varios opusculos que corriam em linguagem. Depois da restauração ordenou-se por lei que a ninguem dessem sepulturas nas egrejas, mas sim em cemiterios publicos, á imitação do que se practica em outros paizes da christandade. Hoje temos na capital dois cemiterios, — o dos Prazeres e do Alto de S. João, murados, e ornados de alguns formosos tumulos. Desejámos, porém, que os que teem a seu cargo a inspecção das nossas ultimas moradas, fossem mais sollicitos em as povoar de cyprestes e outras arvores, cuja côr lugubre tão bem se casa com a religiosa melancholia que deve reinar em taes logares, e que, além disso, grandemente contribuiriam para os fazer salubres.

O OURO DOS PINHEIROS.

Tradição brazileira.

II

Adjunctou-se um numeroso tropel na praça principal da cidade; os dois bandos contrarios estavam á vista, como para começarem um combate decisivo. Parecia reinar muita confusão nos magotes de povo, mas nem por isso os partidarios d'uma familia se misturavam com os da outra: olhavam, porém, todos para o centro da praça, onde os Pinheiros faziam roda a um homem magro, macilento, e que mal podia ter-se em pé. Era este o José Manuel Cabral, antigo expedicionario, que na vespera desembarcára nas margens do Tiete. O aspecto do terreno patrio, e a impaciencia de tornar a ver os seus, lhe fizeram tamanha impressão que, passadas algumas horas de descanso se sentira com forças para se pôr a caminho. Transportado n'uma maca pelos indios, que o acompanhavam, ganhou de noite as nove leguas que o separavam de S. Paulo. Tão rapida como um relampago se espalhou logo a nova da sua chegada; e antes de alcançar a porta de seu tio, Cabral se viu cercado por uma grande chusma, parte amiga, parte inimiga, sófrega de

lhe ouvir contar as suas aventuras. É claro que só os parentes podiam ter este direito; mas os Ramalhos dispunham-se a contestar-lh'o, e a exigir uma explicação publica do que se passára no sertão.

O ancião Pinheiro, rodeado dos seus, conseguiu por entre a chusma apossar-se momentaneamente de seu sobrinho. Não era costume desta gente impetuosa perder o tempo em demorados cumprimentos e abraços; por isso o velho, atirando-se ao que importava, fez logo a Cabral estas tres perguntas d'enfiada — “Que é feito de teus companheiros? — Achaste ou não achaste o ouro? — Que destino lhe deste?” —

— “Morreram todos” — respondeu Cabral. “Depois de dezoito mezes de continuas jornadas, sem atinar com o caminho, reduzidos a metade pelas doengas, e as pelepas com os caboucos, descobrimos minas como ainda o Brazil não conhece: voltávamos carregados de riqueza, quando encontrámos os Ramalhos, tambem como nós perdidos, e minguidos em numero, mas desesperados por virem com as mãos vazias; nesta situação nos attaccaram, e o combate só findou com o ultimo delles. Ficando eu só e mais seis dos nossos, enterrámos as nossas riquezas n'um logar, que ainda agora eu bem reconheceria. Pouco depois os meus companheiros falleceram de fadigas, e de feridas; e eu aqui estou moribundo, e peço-vos por Deus e pelos sanctos, que me deis repouso, e me tireis deste logar.”

O velho virou-se para o tropel, e dirigindo-se aos Ramalhos, lhes disse: —

“Ha que tempos ha que os Pinheiros não podem fallar nos seus negocios sem que venham estranhos applicar o ouvido, e devassar os seus segredos? — Praçavasia já; e, se a algum Ramalho lhe parecer, que se opponha á nossa passagem.” —

Estas palavras foram o signal de grande sussurro e tumulto. Os Ramalhos acolheram com apupadas a ameaça indirecta do velho, e, longe de lhe abrirem passagem, faziam cada vez maior apertão. Nem tanto era necessario para os dois partidos se travarem. Mais de cem durindanas saídas das baínhas brilharam á luz do sol: aquelles, a quem tinham esquecido as armas, correram a toda a pressa a busca-las; porque naquella epocha um paulista se pejaria d'assistir como testemunha ociosa a um barulho destes. N'um abrir d'olhos a pendencia já era geral. O padre Macedo, que n'uma casa proxima assistia a um doente, colligiu pela bulha o que seria, e deitando mão d'um grande crucifixo pendente da parede, saiu pela porta fóra: intrepido neste momento, como o fóra em meio das frechas dos selvagens, correu a lançar-se na refrega esperando que a auctoridade de seu habito incutiria respeito áquelles desatinados. Mas quando o caridoso padre chegou, já o furor dos turbulentos tinha produzido funestos resultados. Cabral jazia estendido d'um tiro de espingarda disparado á queima roupa. Seu tio, que apesar da idade avançada, atirava tesas estocadas aos Ramalhos, o sustinha nos braços, retirando-o do foco da pendencia.

A ferida era mortal; e o frade vendo um homem tão proximo a finar-se correu para elle como o mais necessitado d'auxilio; mas o velho repelliou-o com violencia, bradando-lhe: — “Um minuto só, meu padre! . . . Este homem possui um segredo que vale bem o reino dos ceus para quem o alcançar; diga-o elle, que eu logo t'o largo.”

— “Antepôr as cousas terrenas ás celestiaes! — Replicou o frade — Peço-te pelo teu Deus, que eu trago nestas mãos indignas, que não queiras encarregar tua alma com a eterna condemnação de teu sobrinho!” —

“Avia, pois, depressa, disse o Pinheiro; dou-te

cinco minutos, e no entanto resô pôr sua alma.” — O padre curvou-se para o moribundo, segurando-lhe a cabeça com uma das mãos, e com a outra chegando-lhe o crucifixo á boca para que o beijasse: dirigia-lhe palavras de consolação, exhortando-o a bem morrer, segundo a practica em casos taes: Cabral fazia altas diligencias para responder; e sem duvida que em sua vida vagabunda commettera mais d’uma acção de que desejaria expurgar a consciencia; mas o estertor da morte lhe cortava as palavras, que já eram inintelligiveis.

O velho Pinheiro, olho nelle, olho nos combatentes, corria pelos dedos as contas d’um desmarcado rosario que trazia pendurado da cinta, e resmungava ave-marias recheadas com pragas d’impaciencia. Só uma vez se interrompeu nesta pia occupação para derribar d’um talho um dos adversarios que se chegára mui perto. Batia o pé no chão a cada instante; e a final vendo que o sobrinho apenas arquejava, não pôde conter-se mais, e inda não eram passados os cinco minutos, puxou pelos habitos o padre, arrancando-o ao exercicio do seu ministerio.

— “José Manuel! . . meu filho. . .” bradava o velho ao moribundo, que já era quasi todo do outro mundo “aquelle ouro. . . faz um esforço, meu filho. . . aquelle ouro, onde o deixaste? . . Elle respondeu, acho eu. . . Não dizes que nas bordas do Parana? . . Mas ah misero de mim! que elle expira! . . Maldito sejas tu, frade do diabo, que se não fosses, eu pilharia o segredo! . . aquelles cães o mataram. . . aqui, Pinheiros! . . A ferro e a fogo! — demos cabo dos Ramalhos! . .”

Isto dicto, atirou comsigo furioso ao meio da refrega, e em breve caiu com uma estocada que lhe varou o coração.

A morte d’um sugeito tão consideravel produziu nos contendores o effeito que a força da eloquencia do padre não podéra alcançar. Cessou logo a sanguinolenta rixa, que progredia já sem resultado, porque José Manuel comsigo levava para a cova o segredo. Cada familia conduziu os seus feridos, e tractou de prestar as honras funebres aos mortos.

D’alli por diante, os Pinheiros, privados do seu cabeça, não poderam contrapezar a influencia dos seus adversarios, que ía em augmento; insensivelmente foram abandonando S. Paulo, e, passados muitos tempos, quando se fundou, a trinta leguas de distancia, a povoação de Taubate, a maior parte de seus descendentes ahí procuraram asylo, levando comsigo o odio aos paulistas, que lhes legaram seus paes, e que transmittiram fielmente á posteridade: odio de que ainda hoje restam vestigios; e só o tempo, que em fim tudo gasta, tem conseguido modifica-lo em uma simples antipathia, cuja razão não são capazes de explicar bem os habitantes de uma e outra terra.

Pelo que toca ao ouro dos Pinheiros, jaz ainda no mesmo pouso ondê o deixaram; e as fadas do sertão lhe tem feito tão vigilante sentinella que ninguem se pôde jactar de o haver descoberto. Este thesouro encantado, como se estivesse destinado a ser fatal aos paulistas, lhes veio a custar mais sangue para ao diante do que na briga que deixamos relatada. Por mais de vinte e cinco annos, o novo velocino foi o alvo das fervorosas pesquisas d’innumeraveis aventureiros. Seria inutil dizer quantos juncaram com os ossos as bre-nhas virgens do sertão do Brazil, e quão raros foram os que tornaram a ver as margens do Piratininga. S. Paulo viria a despojar-se por estas infructuosas tentativas, se os magistrados não empregassem todo o seu poder em lhes pôr termo; e talvez que baldadas fossem as suas diligencias se não concorresse a ajuda da superstição. Vendo o povo que quasi nenhuns vol-

tavam dos que íam em demanda do thesouro, pouco a pouco se foi capacitando de que este estava encantado. Ainda hoje vos contarão que certos passaros, que no matto perseguem o viajante com seus clamores, são as almas dos que morreram nessas tentativas, e que assim advertem os caminhantes para quô os não imitem.

FRONTEIROS.

ENTRE os cargos militares que antigamente havia em Portugal, e de que os nossos historiadores e documentos fazem menção, encontra-se frequentes vezes o de fronteiro. Sobre este diremos aqui algumas palavras.

O nosso Moraes, tantas vezes infeliz nas suas definições, define fronteiro, *capitão de praça, que está nas raías, e fronteira inimiga*. Parece-nos menos exacta esta definição. O titulo de fronteiro era ainda vulgar no seculo 16.^o, e depois; mas não achamos que se desse aos governadores ou capitães das praças da Asia. Assim julgamos que os fronteiros eram propriamente *os capitães das praças que jaziam pelas raías ou limites do reino*.

A muitos parecerá que para destruir esta nossa opinião bastará citar os capitães das praças de Africa, aos quaes egualmente se dava o titulo de fronteiros. Isto nos move a fazer uma digressão de que depois voltaremos, naturalmente, ao nosso objecto.

Tomaram successivamente os reis portuguezes varios titulos, até que assentaram no de reis de Portugal e Algarves, *d’aquem e de além mar em Africa*, senhores de Guiné &c. — As palavras que pozemos em italico, e que a mil espiritos parecerão indifferentes, resumem, em nosso entender, uma vasta e profunda idéa politica, que dominou, não só no conselho dos monarchas, mas tambem nos animos populares, desde D. João 1.^o até D. João 2.^o Era esta a de que Portugal consistia, não unicamente neste cantinho da Europa, fragmento partido do grande corpo da Hespanha, mas tambem na Mauritania, que nos ficava ás portas, e para onde a monarchia podia grandemente crescer em territorio, gente, e riqueza, quando os portuguezes tinham grande coração, braço duro, lança grossa, e espada cortadora. Não tomou D. Afonso 5.^o, depois da conquista de Arzilla e Tange-re, o titulo de senhor dessas partes; mas ao de rei de Portugal e Algarves accrescentou *d’aquem e d’além mar em Africa*, porque na realidade a conquista daquelles logares nada mais foi, em rigor historico, do que a continuação da reacção da sociedade christã contra a sociedade mahometana, que tinha apparentemente parado em tempo de D. Afonso terceiro. Depois da conquista do Algarve, e da morte daquelle principe, alevantava-se um grandissimo obstaculo ao proseguimento da reacção: era este o mar. Cumpria fazer os aprestos para vencer o obstaculo; e esses aprestos consistiam em crear marinheiros, exercita-los, e multiplicar as armadas. Com effeito é indubitavel que D. Diniz teve este negocio muito a peito, e vemos que elle foi o primeiro rei, em cujo reinado se ganhou uma importante victoria naval contra os castelhanos, se mandaram vir de Genova officiaes habéis na mareação, e se fizeram regimentos de mar. O mesmo pensamento foi seguido por todos os reis até D. Fernando, não tão máu principe como a historiadores aprouve piuta-lo. Nesta epocha chegou o commercio marítimo, e a armadla de guerra, a subido grãuz de esplendor. Estava, pois, quando D. João 1.^o se achou seguro no throno, vencido o obstaculo que havia para a conquista da Mauritania, e a guerra da reacção continuou até o reinado de D. Manuel, ain-

da que a idéa escondida e geradora de todos os committimentos contra a Mauritania, começava a modificar-se, a transtornar-se, e a não se entender desde a morte de D. Affonso 5.^o — As tentativas de descobrimentos principiadas pelo infante D. Henrique produziram a grande gloria portugueza da passagem do cabo de Boa-Esperança, mas ao mesmo tempo o irreparavel damno de torcerem os destinos da monarchia. Se todos os portentosos genios militares, todas as armadas, todo o cabedal, todos os soldados, toda a sciencia, e todas as virtudes que nos sorveu a India, tivessem sido empregados em adiantar os limites do *reino de Portugal e Algarves d'aquem e d'além mar*, pelos sertões da mais bella, povoada, e rica porção da Africa, ainda hoje ella faria parte de um imperio europeu-africano, grande em extensão e poderio: e nem D. Sebastião se perdera, por querer reanimar uma idéa morta, nem Portugal hoje fôra escarnecido impunemente por nação alguma, porque seria ainda o velho Portugal *d'aquem e de além mar*: seria o que, provavelmente, será daqui a um seculo a França. Quando D. João 3.^o, homem mui lido e entendido nos Exercícios de S. Ignacio, no Directorio de Inquisidores, e nas Regras e Estatutos das ordens monasticas, mandou entregar aos mouros Alcaçer, Çafim, Arzilla, e Azamor, lavrou o decreto de morte contra a sua patria: — deste decreto data a nossa quêda: Philippe 2.^o apossando-se da corôa portugueza, e os hollandezes das nossas conquistas, não são mais do que dois ladrões entrando de noite em um cemiterio, para roubarem as vestiduras do cadaver de homem opulento, que os parentes mandaram para a sepultura ainda com o fausto da vida.

Considerada, pois, como territorio de Portugal essa boa porção de Africa que chegámos a possuir, e não como conquista colonial, não admira que se desse o titulo de fronteiros aos capitães que governavam essas praças na fronteira do *reino*, que entestava com terras *ainda* possuidas por infieis.

Além dos fronteiros ou capitães das praças da raia, havia os fronteiros-móres, para dar uma idéa dos quaes transcreveremos um paragrapho das Noticias de Portugal de Severim de Faria: “Para defensão do reino havia em cada comarca um fronteiro-mór, que fazia o officio de capitão-geral da gente de tal comarca, para assim se poder acudir com pressa e boa ordem ás entradas que se fizessem no reino. Destes fronteiros ha muita menção nas historias de Portugal; principalmente nas chronicas d'elrei D. Affonso 4.^o, D. Fernando, D. João 1.^o, D. Affonso 3.^o E eram os fronteiros-móres pessoas de grande estado, e qualidade; de modo, que até aos infantes se deu este titulo.”

PARECE-NOS que o reino está rico, porque nos engana Lisboa cheia de luxo, fazendo monopolio das rendas delle: não para as conservar; mas para as destruir, entregando-as ás nações estrangeiras, a troco do preciso e mais do superfluo. Tambem Lisboa faz monopolio dos povos do reino, que todos correm para a sua capital; e por isso nos enganamos, imaginando que está o reino muito povoado. E estes dois enganos de suppormos que ha muita riqueza, e grande povoação, são causas do nosso damno em muita parte. — *Alexandre de Gusmão.*

Novo genero de penitencia. — O cura de Montagno, no condado de Molissa, reino de Napoles, dava por penitencia aos camponeses que confessava, plantarem alguns pés de oliveiras, de vinhas, ou d'outras especies de arvoredos; e conseguiu assim tornar mui pro-

ductivo e semelhante a um pomar um terreno antigamente falto de vegetação.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Outubro 14.

- 1560 — O governador da India D. Constantino de Bragança, levando uma armada de 92 vellas, conquista a cidade e reino de Jafanapatão na ilha de Ceilão.
- 1601 — Segundo alguns biographos foi neste dia que morreu o celebre astronomo Ticho-Brahe. — Tambem neste dia morreu Scarron, auctor do *Romance Comico*, e marido da celebre M.^{me} de Maintenon [1660].
- 15
1498 — Americo Vespucio, navegante florentino, chegou neste dia á Europa de volta da viagem em que descubriu a America.
- 1598 — Declara-se em Lisboa a peste que durou cinco annos, e levou mais de oitenta mil pessoas.
- 16
1680 — Morte do celebre general Montecuculi, emulo de Turenna.
- 1695 — Morte de Pedro Nicole, illustre auctor dos *Ensaios de Moral*.
- 1793 — A rainha de França, Maria Antoinette, mulher de Luiz 16.^o, é degollada em Paris pelos revolucionarios.
- 17
1731 — Neste dia succedeu na villa do Barreiro de frente de Lisboa um caso extraordinario. Morreram no mesmo dia e quasi á mesma hora João Rodrigues Escadrinhado e sua mulher, Antonia Rodrigues, elle de 125 annos de idade, e ella de 104: eram casados havia mais de 87 annos. João Rodrigues servia nos terços de portuguezes, que os hespanhoes tinham em Flandres, quando elrei D. João 4.^o foi aclamado; dalli fugiu para vir alistar-se entre os soldados da restauração.
- 1757 — Morte de Réaumur, naturalista e physico francez muito affamado.
- 18
1217 — O bispo de Lisboa D. Sueiro toma aos mouros a villa de Alcaçer do Sal.
- 1576 — Morte de Simão-Gomes, chamado o Capateiro Sancto a quem os jesuitas attribuiram as profecias por elles forjadas ácerca da vinda delrei D. Sebastião.
- 19
1813 — Morte do principe Poniatowski na batalha de Leipsig. Para se não entregar aos prussianos precipitou-se no rio Elster.
- 1826 — Morte do celebre actor Talma.
- 20
480 — [Antes de J. C.] — Batalha de Salamina, entre os gregos e os persas; é a mais notavel batalha naval dos tempos antigos. No mesmo dia foi a celebre batalha de Navarino em 1827.
- 1458 — Conquista D. Affonso 5.^o a praça de Alcaçer-Ceguer.
- 1570 — Morte de João de Barros. Jaz na igreja parochial de Alcobaça.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE,